



**PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA
(29/02/2004)**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Deuteronômio 26: (1-4) 5-11

As origens do livro do Deuteronômio são controversas até hoje. Possivelmente tenha se originado no reino do Israel após o cisma político-religioso do século 10º a.C. No entanto seu auge foi durante a reforma do rei Josias em Judá no século 7º quando foi usado como constituição para uma reforma geral do Estado e da Religião Judaica que ficaram centralizados em Jerusalém. O texto deste Domingo descreve a liturgia dos primeiros frutos que, como outras festas, promovia a reafirmação da fé do povo. Na Igreja unificamos e reafirmamos nossa fé na recitação dos credos Apostólico e Niceno, como na época acontecia com o Credo Histórico de Dt 26:5b-9.

O texto tem três partes: a introdução ao contexto litúrgico da festa dos primeiros frutos (versículos 1 a 5a); o credo em si (5b-9); o epílogo onde se volta ao contexto da festa e as promessas de bênçãos futuras (10 – 11). Os primeiros versículos (1 a 5a) introduzem a teologia da propriedade divina da terra. A terra era entendida como "*herança de Javé*" dada como posse ao seu povo (cf. vers. 1). Quando discutamos a Reforma Agrária como cristãos e cristãs devemos lembrar disso. A apresentação dos primeiros frutos, ou seja, do melhor da produção, servia como lembrete de que a terra era de Deus, para todos através do trabalho de cada família. Este entendimento da fé prática que se manifesta no reconhecimento do bem comum como vontade divina é o marco do Credo Histórico.

O Credo, em si, lembra que o Povo de Deus foi um povo "sem terra", um errante ou "*prestes a perecer*" (v.5b) como aparece em algumas traduções. Quem não tem terra ou outro meio de produção está sempre à beira da morte. Depois lembra que o Povo foi escravo no Egito vivendo ali "*dura escravidão*" (v.6). E afirma que Deus é libertador porque só um Deus libertador podia ser àquele solidário com sem terra e escravos (v.8b). Mas Deus não apenas escolheu esta gente, nem apenas a libertou, mas lhes deu a chance de realizar o sonho de viver em paz numa terra que tem todo o necessário para viver (v.9). Devemos entender "*que mana leite e mel*" não como um produto espontâneo da terra, mas no sentido de que trabalhando dela pode se tirar leite e mel.

Na terceira e última parte não é estranho que se diga que são frutos do chão dado por Javé (v.10) retomando a teologia da primeira parte. Mas não



termina ali, pois para realmente ser merecedor dos dons divinos é necessário agir solidariamente com o levita (o professor da Palavra de Deus) e o forasteiro (o que não tem cidadania nem direito a nada) e assim por diante (cf. vers.11).

A liturgia das primícias é também um desafio para nossa liturgia atual, pois questiona qual é a relação da nossa fé com a economia da nossa sociedade, qual é a relação de Deus com as pessoas “sem” e com as pessoas “com” e se nossas liturgias promovem a solidariedade ou apenas a devoção egoísta. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Romanos 10.8-13

O contexto dos versículos da Epístola para o dia de hoje fala da rejeição de Israel. Paulo procura explicar porque Israel abandonou os propósitos de Deus e rejeitou a justiça de Deus. Toda sua argumentação é colocada a partir do capítulo 9. Mas aqui, no início do cap. 10, ele resume seus argumentos falando da rejeição da justiça de Deus como a marca principal daqueles que rejeitam a Deus. Este rejeição a Deus acabou por criar toda uma “atmosfera” de rejeição na qual se rejeitava não a penas o *Totalmente* Outro, mas também os “*outros* relativos” com quem partilhamos este mundo. Contudo, a última palavra não é esta. A rejeição não é a realidade última. Paulo fala também na possibilidade da restauração para Israel, assim como para toda as outras nações. Há não apenas a possibilidade de uma religação cósmica, ou seja, envolvendo os homens e Deus, mas também uma religação que restaure as relações entre as nações. Paulo acredita que este padrão de pensamento marcado pela separação pode dar lugar a outro padrão, marcado pela religação e pela reunião daqueles que estavam anteriormente divididos. Porém, esta restauração não se dá de qualquer forma. Ela exige mudança de paradigma, de raciocínio, de mentalidade. Paulo, neste texto nos apresenta alguns princípios importantes para que nossa relação com Deus seja uma relação de salvação. Para que a Igreja seja um instrumento de mudança de valores, ela precisa assumir para si, em sua vida, em seu ministério, em sua missão, em sua ação e em seu discurso, algumas responsabilidades fundamentais.

Em primeiro lugar, a responsabilidade de buscar supera a racionalização e a sistematização. O paradigma que marca o mundo no qual vivemos é o paradigma racional, marcado pela análise, pela sistematização e pela criação dos manuais. Neste mundo não há espaço para o *não-conhecido*, o *velado*, o *mistério*. Pelo contrário, a ciência moderna popularizou a crença de que ela a tudo perscruta e conhece. A mesma *crença* também é vista na teologia. Muitos



hoje acham que detêm um conhecimento exaustivo, completo e pleno de Deus. Daí a criação dos sistemas, das racionalizações e dos dogmas. Daí a pretensão de se ter a última palavra sobre Deus, a visão correta, absoluta, o critério único de leitura, a chave hermenêutica correta. Em resumo, as certezas. Mas o que Paulo diz é diferente. Citando a Escritura, Paulo advoga que “quem nele crê não será confundido”. (v.11) É importante perceber o que Paulo está dizendo aqui. A única resposta à confusão, ao abalo promovido pela incerteza é a fé. Quem *crer*, diz Paulo, não será confundido. A resposta à confusão e a incerteza não está nos manuais, mas na fé. A vitória sobre a confusão se dá não pela certeza, mas pela fé, pela dimensão intuitiva e mística, e não a racional.

Além de superar a racionalização e a sistematização, em segundo lugar, a Igreja, como um instrumento de mudança de valores, precisa contrariar a disjunção ou separação. Desde Descartes que passamos a ver o mundo que nos cerca com uma mente dividida entre sujeitos pensantes e objetos pensados: *res cogitans* e *res extensa*. Esta mania de dividir para conhecer tem a tal ponto, caracterizado o pensamento moderno que, para muitos, a esquizofrenia entre corpo/alma, material/espiritual, razão/fé, já assumiu a condição de um paradigma social, ou seja, de uma “constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza” (F. Capra). Nosso mundo presencia hoje a crise deste paradigma disjuntor e sua superação por um outro paradigma chamado de paradigma integrador ou complexo. Veja como Paulo procura superar a visão redutora que opõe o crer e o fazer, em 10:9-10. Para o apóstolo, há um paralelismo entre *confessar...crer...e...crer...confessar*. Para ele, a crença de todo o coração e a confissão com a boca, são aspectos que se retroalimentam recursivamente (ou seja, que causa e que é causado) a vida do cristão. Em resumo, é a superação de um paradigma mental que separa crer/fazer, acreditar/agir, por um outro caracterizado por uma visão holista.

Finalmente, além de superar a racionalização e a sistematização que geram leituras redutoras de Deus, e além de contrariar a disjunção e a separação que cinde o raciocínio e pereniza a esquizofrenia conceitual, a Igreja, como um instrumento de mudança de valores, precisa estabelecer um caráter integrativo e não auto-afirmativo. Isto significa, em um mundo cada vez mais cheio de conflitos étnicos e de terrorismo, valorizar as parcerias ao invés da dominação. Não há porque manter a distância entre judeus e gregos se Jesus é o Senhor de todos. Se Ele é rico para com todos os que o invocam, não há porque limitar as bênçãos de Deus apenas para com uma nação. A salvação, o maior bem simbólico de que se pode falar, não é propriedade de um grupo, de uma nação, de uma denominação ou mesmo de uma religião.



Ela é uma dádiva de Deus. Ela é a resposta ao pecado. Se o pecado pode ser visto como o "princípio da separação", que nos afasta de Deus, do outro e de nós mesmos, a salvação é o "princípio da reunião", que congrega e que ajunta aqueles que estão hoje separados.

Aqueles que defendem o surgimento deste novo paradigma na humanidade, e onde a Igreja tem um papel definitivo, compreendem que todos os problemas do mundo hoje são problemas sistêmicos, ou seja, não podem ser abordados, compreendidos ou resolvidos de forma única, mas de forma transdisciplinar e multifacetária. Isto significa que todos os níveis dos sistemas vivos (organismos, sistemas sociais e ecossistemas) e seus problemas peculiares (fome, distribuição de renda, poluição global) precisam ser tratados ao mesmo tempo. Esta mudança de paradigma é tão relevante que tem sido chamada de uma nova *revolução copernicana*.

Nestes dias de quaresma precisamos nos perguntar se estamos, enquanto igreja, dando sustentação a um paradigma de destruição e de exploração ou se estamos dispostos a lutar por um novo pensamento que seja ecológico, humanístico, agregador, ecumênico e religador (JLFA).

Santo Evangelho (Lucas 4.1-14)

São Lucas inicia e conclui esta perícopa (seção) mencionando a condução de Jesus às tentações como "obra do mesmo Espírito" (vs. 1 e 14), dando-nos a entender que é o próprio Deus (que também é Espírito) quem prova a fé e a conduta de Seu Filho Unigênito. Esta provação só se realiza após o batismo, pois é nesta ocasião que Jesus é revelado como "o Filho querido de Deus" (Lc 3,22) e, deste momento em diante, todo o Seu ministério é realizado sob a graça e a inspiração do Espírito Santo (que também é Deus). Somente a partir deste fato é que Jesus está "habilitado" e devidamente "credenciado" a iniciar o Seu ministério e a proclamar que o "Reino de Deus chegou e está dentro de vós!" (Lc 17,21). Diferentemente da primeira tentação no "paraíso" (onde sucumbimos ao desejo de sermos iguais a Deus, cf. Gn 3,4-5), o "novo Adão" (isto é, o representante da "nova humanidade") vence todas as forças do anti-reino e consegue manter-se fiel ao propósito de realizar a vontade do Pai esforçando-se até o último momento para que ninguém se perdesse, a não ser "aquele que já ia se perder" (Jo 17,12), ou seja, aquele que caiu na tentação.

A rigor a tentação não é boa e nem má, mas uma oportunidade de provação da fé para que, através dela, se manifestem os nossos desejos mais secretos (quer sejam bons ou ruins). Portanto, é a pessoa tentada quem vai



determinar a índole da tentação: ou ela servirá para provar a sua fé e fortalecer a sua conduta ou servirá para fazê-la sucumbir ante a provação e, conseqüentemente, "cair na tentação". Este é o espírito da "oração pela pureza" (LOC. pág. 54): "para Quem segredo algum está oculto", ou seja, perante Deus nós somos o que realmente somos e não há segredo algum que possamos ocultar perante a Sua santa presença (Lc 12,2-4).

As tentações são um "caminho de mão dupla": através delas Jesus se identificou totalmente conosco tornando-se "plenamente humano" (encarnação) e, ao mesmo tempo, nós nos identificamos totalmente com Ele e, ao seguir Seu exemplo, aprendemos o caminho para vencer as nossas próprias tentações. Há apenas uma "pequena diferença" entre nós e Ele qual seja: o PECADO, ou seja, "Jesus em tudo foi tentado como nós, mas sem pecar" (Hb 4,15).

Finalmente, a vitória de Jesus sobre as tentações do diabo é a garantia de que nós igualmente podemos vencer as tentações que nos cercam desde que estejamos em íntima e profunda relação com Deus. Somente enraizados em Deus e comprometidos com os valores do Seu Reino é que nós teremos a unção do Espírito Santo para poder rezar como Jesus ensinou: "e não nos deixes cair em tentação". A partir do texto grego alguns biblistas traduzem esta expressão por: "e não nos ponhas à prova"; ou "não nos faça entrar em tentação". Lucas omite a última expressão de Mateus 6,13b: "mas livra-nos do mal" ou "defende-nos do maligno".

Deserto: independentemente de Mateus dar a entender que foram 40 dias de jejum como "preparação" para enfrentar as tentações e Lucas dar a entender que foram 40 dias de tentações continuadas que culminam com a batalha final entre Jesus e o Diabo, deserto é lugar de total abandono, portanto, lugar de confronto por excelência! Ou seja, apenas quando estamos e contamos somente conosco (deserto total) é que realmente estamos prontos para nos confrontar com os outros, com Deus e, especialmente com o diabo (aliás, alguém já disse "que o inferno são os outros"!). Só neste "estado de espírito" (total solidão desértica, solitude) é que os nossos verdadeiros interesses, ansiedades, preocupações e preconceitos instalados no fundo de nossa alma emergem e apresentam suas garras. E, não raras vezes, sucumbimos às tentações que não são nada mais nada menos do que os nossos próprios desejos incontidos de poder, riqueza, vingança, *status*, dominação, etc.

Não tentarás ao Senhor teu Deus: São Tiago nos adverte que "é impossível tentar a Deus" e, ao contrário do que pensamos, são os nossos desejos (e não Deus) que produzem o pecado e, o pecado por sua vez, nos conduz a morte (Tg 1,12-15). Parece-nos que São Lucas também conhecia e



concordava com este princípio, porém este preceito oriundo do Primeiro Testamento (Dt 6) apresenta uma outra conotação que também pode ser compreendida no sentido de provação, ou seja, poderíamos reinterpretar o pensamento lucano e colocar nos lábios de Jesus a resposta ao diabo, dizendo: não provarás ao Senhor Teu Deus! Bem sabemos que desafiar alguém para que prove que é capaz de uma determinada atitude é uma das armas mais poderosas e desestabilizadoras da conduta humana e, muito facilmente nos faz “perder a cabeça”. Um dos antídotos para enfrentar este desafio e não cair em tentação pode vir de um pedido sincero ao Espírito Santo a fim de conceder os dons do “domínio próprio e da temperança”.

Desafio quaresmal: prometer a mim mesmo que, durante a quaresma, não aceitarei desafio algum que possa prejudicar alguém, demonstrar minhas grandes habilidades aos outros ou ainda provar minha capacidade superior. Não me deixarei enganar ou iludir por qualquer tipo de provocação! (RH)